

PROVA PEDRO II - 2011

Texto I

Sopa de pedras

Pedro Malasarte era um cara danado de esperto. Um dia ele estava ouvindo a conversa do pessoal na porta da venda. Os matutos falavam de uma velha avarenta que morava num sítio pros lados do rio. Cada um contava um caso pior que o outro:

5 — A velha é unha-de-fome. Não dá comida nem pros cachorros que guardam a casa dela — dizia um.

— Quando chega alguém pro almoço, ela conta os grãos de feijão pra pôr no prato. Verdade! Quem me contou foi o Chico Carreteiro, que não mente — afirmava outro.

— Eta velha pão-duro! — comentava um terceiro.

10 — Dali não sai nada. Ela não dá nem bom-dia.

O Pedro Malasarte ouvindo. Ouvindo e matutando. Daí a pouco entrou na conversa:

— Querem apostar que pra mim ela vai dar uma porção de coisas, e de boa vontade?

15 — Tu tá é doido! — disseram todos — Aquela velha avarenta não dá nem risada!

— Pois aposto que pra mim ela vai dar — insistiu o Pedro. — Quanto vocês apostam?

20 A turma apostou alto, na certeza de ganhar. Mas o Pedro Malasarte, muito matreiro, já tinha bolado um plano na cabeça. Juntou umas roupas, umas panelas, um fogãozinho, amarrou a trouxa e se mandou pra casa da velha. Era meio longe, mas pra ganhar aposta o Malasarte não tinha preguiça.

25 O Pedro foi chegando, foi arranchando, ali bem perto da porteira do sítio da velha. Esperou um tempo pra ser notado. Quando viu que a velha já tinha reparado nele, armou o fogãozinho, botou a panela em cima, cheia de água, e acendeu o fogo. E ficou o dia inteiro cozinhando água. A velha, lá da casa, só espiando. E a panela fumegando. E o Pedro atiçando o fogo. (...) Até que ela não conseguiu mais se segurar de curiosidade. Saiu e veio negaceando, olhar de perto. O Pedro pensou: "É hoje!" Catou umas pedras no chão, lavou bem e jogou dentro da panela. E ficou atiçando o

30 fogo pra ferver mais depressa. A velha não se conteve:

— Oi, moço, tá cozinhando pedra?

— Ora, pois sim senhora, dona! — respondeu o Pedro. — Vou fazer uma sopa.

— Sopa de pedra? — perguntou a velha com uma careta. — Essa não, seu moço! Onde já se viu isso?

35 — Pois garanto que dá uma sopa pra lá de boa.

— Demora muito pra cozinhar? — perguntou a velha ainda duvidando.

— Demora um bocado.

— E dá pra comer?

— Claro, dona! Então eu ia perder tempo à toa?

- 40 A velha olhava as pedras, olhava pro Pedro. E ele atiçando o fogo, e a panela fervendo. A velha meio incrédula, meio acreditando.
- É gostosa, essa sopa? — perguntou ela depois de um tempo.
- É — respondeu o Malasarte. — Mas fica mais gostosa se a gente puser um temperinho.
- Por isso não — disse a velha. — Eu vou buscar.
- 45 Foi e trouxe cebola, cheiro-verde, sal com alho.
- Tomate a senhora não tem? — perguntou o Pedro.
- A velha foi buscar e voltou com três, bem maduros. Pedro botou tudo dentro da panela, junto com as pedras. E atiçou o fogo.
- Vai ficar bem gostosa — disse ele. — Mas se a gente tivesse um courinho de porco...
- 50 — Pois eu tenho lá em casa — disse a velha.
- E foi buscar. Couro na panela, lenha no fogo, a velha sentada espiando. Daí a pouco ela perguntou:
- Não precisa pôr mais nada?
- 55 — Até que ficava mais suculenta se a gente pusesse umas batatas, um pouco de macarrão...
- A velha já estava com vontade de tomar a sopa, e perguntou:
- Quando ficar pronta, posso provar um pouco?
- Claro, dona!
- 60 Aí ela foi e trouxe o macarrão e as batatas. Malasarte atiçou o fogo, pro macarrão cozinhar depressa. Daí a pouco a velha já estava com água na boca!
- Hum, a sopa tá cheirando gostosa! Será que as pedras já amoleceram?
- Em vez de responder, o Pedro perguntou:
- A senhora não tem uma linguicinha no fumeiro? Ia ficar tão bom...
- 65 Lá foi a velha de novo buscar a linguixa. Cozinha que cozinha, a sopa ficou pronta. Malasarte então pediu dois pratos e talheres, a velha trouxe. O Pedro encheu os pratos, deu um pra ela. Separou as pedras e jogou no mato.
- Ué, moço, não vai comer as pedras?
- Tá doido! — respondeu o Malasarte. — Eu lá tenho dente de ferro pra comer
- 70 as pedras?

(Contos populares para crianças da América Latina. São Paulo: Ática, 1994)

Texto II



Texto III

O rato da cidade e o rato do campo

Um ratinho do campo convidou um primo da cidade para almoçar em sua casa.

Para comer havia uma sopa de ervas que, para o ratinho do campo, parecia um manjar dos deuses.

O ratinho da cidade, acostumado com pratos mais finos, suava ao comê-la...

— Chega de sopa! — disse, afinal, o convidado. Isso não é comida para ratos. Venha até a minha casa na cidade e você verá o que é bom.

O ratinho do campo não queria ir, mas seu primo colocou o boné em sua cabeça e arrastou-o até a cidade barulhenta.

Chegando lá, quase foram esmagados, mas o ratinho da cidade não parecia ver perigo nenhum.

— Espere até provar o presunto que tenho na despensa — ele ia dizendo.

Realmente, a despensa estava cheia de coisas deliciosas e, pendurado no teto, havia um cheiroso presunto... mas, para comê-lo, primeiro tinham que roer a corda e fazer com que ela caísse.

O ratinho da cidade subiu com agilidade até a corda, roendo-a. O presunto caiu no chão, causando um grande susto em seu primo do campo.

Mas o estrondo também foi ouvido pelo dono do presunto, que apareceu na despensa com seu gato.

O ratinho do campo não esperou mais e fugiu em disparada por uma fresta.

Enquanto corria para sua árvore, o ratinho do campo ia pensando: “Mais vale uma sopa tomada com tranquilidade, que todas as delícias do mundo!”

(PAZ, Maria Luisa Lima. O rato do campo e o rato da cidade. In: *Superfábulas*. Girassol Brasil Edições Ltda, 2009)

QUESTÃO 1

No texto I, os amigos de Pedro Malasarte afirmam que morava no sítio uma velha muito avarenta. Para indicar essa característica da velha, eles usaram duas expressões próprias da linguagem coloquial.

Localize-as no texto, entre as linhas 1 e 12, e copie-as abaixo.

QUESTÃO 2

Assinale a alternativa que define corretamente o sentimento que prevaleceu quando a velha resolveu atender aos pedidos de Pedro Malasartes no texto I:

- (A) desconfiança (B) certeza (C) curiosidade (D) receio

QUESTÃO 3

Releia o trecho do texto I abaixo:

“O Pedro Malasarte ouvindo. Ouvindo e matutando. Daí a pouco entrou na conversa.” (linhas 11 e 12)

Reescreva-o, substituindo os termos sublinhados por formas verbais flexionadas (conjugadas) num tempo do modo indicativo que mantenha o mesmo sentido que aparece lá.

QUESTÃO 4

Observe o trecho do texto I abaixo:

“Pois garanto que dá uma sopa pra lá de boa.” (linha 34)

Assinale a opção em que o termo sublinhado apresenta o mesmo sentido da expressão destacada acima:

- (A) “Era meio longe.”
- (B) “A velha, lá da casa, só espiando.”
- (C) “Pedro botou tudo dentro da panela.”
- (D) “Vai ficar bem gostosa.”

QUESTÃO 5

No balão do primeiro quadrinho do texto II, lemos:

“...E vocês, que estão vindo pela primeira vez a este templo do saber (...).”

Reescreva o trecho acima, substituindo a expressão destacada por uma única palavra desse balão, que mantenha a mesma ideia.

QUESTÃO 6

Que expressão do texto II revela o sentimento de alívio presente na fala da personagem Mafalda?

QUESTÃO 7

No 8º parágrafo do texto III, o narrador usa dois adjetivos para caracterizar as comidas que havia na despensa do ratinho da cidade. Copie-os abaixo:

QUESTÃO 8

No terceiro parágrafo do texto III, que pronome foi usado para substituir o substantivo “sopa”?

QUESTÃO 9

Assinale a alternativa que contradiz a moral da fábula “O rato do campo e o rato da cidade”.

- (A) O rato do campo preferia uma vida com poucos recursos a ter que enfrentar os perigos da cidade.
- (B) Para o rato do campo, a tranquilidade vale mais do que a fartura.
- (C) Vale a pena correr alguns riscos para conseguir uma boa refeição.
- (D) Nenhuma delícia do mundo pode substituir a tranquilidade.

QUESTÃO 10

No sexto parágrafo do texto III, que advérbio se refere à expressão “a cidade barulhenta”?

QUESTÃO 11

Qual dos três textos desta prova tem a clara finalidade de transmitir um ensinamento?

QUESTÃO 12

Copie, do texto III, a frase que expressa uma ordem por meio da qual percebemos que o ratinho da cidade tem a mesma opinião sobre “sopa” que a personagem Mafalda do texto II.

PROVA PEDRO II - 2016

Texto I

Medo

O medo é uma reação de alerta muito importante para a sobrevivência dos seres humanos, mas, em alguns casos, pode tornar-se paralisante.

As definições dos dicionários indicam que a palavra **medo** significa uma espécie de perturbação diante da ideia de que se está exposto a algum tipo de perigo, que pode ser real ou não. Pode-se entender ainda o medo enquanto um estado de apreensão¹, de atenção, esperando que algo ruim vá acontecer.

Para além das definições da palavra, o medo é uma sensação. Essa sensação está ligada a um estado em que o organismo se coloca em alerta, diante de algo que se acredita ser uma ameaça.

O medo é um estado de alerta muito importante para a sobrevivência humana. Uma pessoa sem medo nenhum pode se expor a situações extremamente perigosas, arriscando a própria vida, sem medir as possíveis consequências trágicas de seus atos.

(Fonte: <http://brasilecola.uol.com.br/psicologia/medo.htm>. Adaptado. Acesso em 03/10/2016)

Vocabulário

¹ apreensão – compreensão; percepção; expectativa; angústia.

QUESTÃO 1

Segundo o texto I, é possível afirmar que

- a) o medo é apenas uma palavra de dicionário.
- b) uma pessoa que não tem medo não corre riscos.
- c) o medo é muito importante para a sobrevivência.
- d) o medo não tem ligação com a sobrevivência humana.

QUESTÃO 2

Releia o seguinte trecho, destacado do texto I:

“Uma pessoa sem medo nenhum pode se expor a situações **extremamente** perigosas (...)” (4º parágrafo).

O advérbio “**extremamente**” indica ideia de

- a) tempo.
- b) dúvida.
- c) afirmação.
- d) intensidade.

Texto II

Dorme, ruazinha... É tudo escuro...
E os meus passos, quem é que pode ouvi-los?
Dorme teu sono sossegado e puro,
Com teus lampiões, com teus jardins tranquilos...

Dorme... Não há ladrões, eu te asseguro...
Nem guardas para acaso persegui-los...
Na noite alta, como sobre um muro,
As estrelinhas cantam como grilos...

O vento está dormindo na calçada,
O vento enovelou-se como um cão...
Dorme, ruazinha... Não há nada...

Só os meus passos... Mas tão leves são
Que até parecem, pela madrugada,
Os da minha futura assombração...

(QUINTANA, Mário. *In* Rua dos Cataventos. 1940. Disponível em http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=16564&poeta_id=302. Acesso em 07/11/2016)

QUESTÃO 3

Considerando o sentido do texto II, marque o item que contém a afirmação correta.

- a) O poeta tem medo de andar pela rua, à noite, porque tudo fica muito escuro.
- b) O vento está tão forte na ruazinha que seu barulho parece com o latido de um cão.
- c) O único barulho que se escuta na ruazinha é o dos passos do poeta, ainda que leves.
- d) O poeta quer que a rua durma por causa do barulho de guardas correndo atrás de ladrões.

QUESTÃO 4

Na última estrofe do texto II, há um adjetivo que indica que os passos de quem está na ruazinha são semelhantes aos da provável assombração. Esse adjetivo é

- a) “leves”. b) “futura”. c) “tranquilos”. d) “madrugada”.

QUESTÃO 5

Releia o seguinte verso, destacado do texto II:

“Dorme... Não há ladrões, eu te asseguro...” (5º verso).

É possível unir as frases contidas no verso acima, usando uma conjunção que mantém o sentido original.

Essa conjunção é

- a) mas. b) porque. c) embora. d) quando.

QUESTÃO 6

No poema de Mário Quintana, texto II, são utilizados dois substantivos no diminutivo: “ruazinha” e “estrelinhas”. No contexto do poema, a presença desses diminutivos revela que

- a) o poeta demonstra desprezo pelas estrelas e pela rua.
- b) a rua e as estrelas eram pequenas na opinião do poeta.
- c) o poeta demonstra afetividade pela rua e pelas estrelas.
- d) para o poeta, a rua estava vazia e as estrelas eram poucas.

QUESTÃO 7

O pronome oblíquo “**los**” foi empregado duas vezes com a função de retomar uma palavra do texto: uma na primeira estrofe e outra na segunda.

Respeitando a ordem em que aparecem, que palavras estão sendo retomadas pelos pronomes?

- a) “passos”, “grilos”.
- b) “passos”, “ladrões”.
- c) “ladrões”, “guardas”.
- d) “lâmpioes”, “ladrões”.

Texto III



(Fonte: <http://tirasarmandinho.tumblr.com/post/130741007549/livros-do-armandinho>. Acesso em 03/10/2016)

QUESTÃO 8

A leitura do texto III permite dizer que

- a) só se pode viver se existir o medo.
- b) o medo é mais forte do que todas as coisas.
- c) não existe modo de vencer o medo.
- d) só se começa a viver quando se vence o medo.

QUESTÃO 9

O desenho da caixa aberta e vazia, no último quadrinho, colabora para confirmar a ideia de que

- a) o personagem continuava indeciso.
- b) o personagem deixou de ser paralisado pelo medo.
- c) todos os medos do personagem se tornaram reais.
- d) o personagem continuava com medo, por isso se escondeu.